

6

Considerações finais

Iniciamos este trabalho com uma pesquisa aberta, em que pretendíamos identificar novas tendências estéticas na arte da atualidade em sua confluência com a tecnologia. Esse ponto de partida, puramente metodológico – uma forma de abordar o objeto de estudo sem idéias preconcebidas – nos proporcionou uma visão panorâmica inicial do campo que nos facilitou a tarefa de delimitar a pesquisa.

Do Sublime tecnológico às Cartografias dos fluxos, é o mapa que desenhemos para navegar por dois afluentes de um caudaloso rio. São duas formas de visão da arte: uma, a do *sublime tecnológico*, derivada do sublime, uma categoria estética que se atualizou no contexto da pós-modernidade, e que foi especialmente formulada por Mario Costa, que teorizou sobre o surgimento de uma arte das comunicações, das redes e dos espaços de fluxos, que privilegia um olhar estético sobre a *conectividade*. Utilizamos esse aporte teórico para mostrar ações artísticas que criam mecanismos de desvelamento do espaço hertziano e da própria tecnologia, ambos informes, invisíveis e de extrema grandeza, portanto, sublimes, que se apresentam com *formas* visíveis e audíveis através do uso da tecnologia comunicacional, que conecta pessoas.

A outra, é uma abordagem nossa sobre um fenômeno artístico novo – as mídias locativas, que levam os artistas a caminhar pelo espaço físico, conectados e localizáveis, mapeando o cotidiano, em uma atitude de desvelamento do mundo em que vivemos, uma forma nova de pensar a relação *arte e vida*, e também a relação *arte e território*, portanto, uma outra vertente artística que podemos aproximar a atitudes e movimentos modernos como os dadaístas, os situacionistas e as artes da terra. No entanto, a ênfase dessas novas ações está na *mobilidade* associada à *conectividade*, percebidas e

registradas pela vivência do cotidiano, em uma conexão social entre indivíduos e coletivos, cujas experiências são transformadas em mapas de fluxos de nômades urbanos contemporâneos que denominamos *cartografias dos fluxos*.

O contexto é a vida contemporânea em fluxo, uma vida líquida, derivada da formação dos espaços de fluxos criados pelas conexões em rede, que se hibridizam com os espaços de lugares – espaços gerados pelas práticas sociais de um cotidiano móvel permitido pelas novas tecnologias de comunicação com mobilidade.

Utilizamos um aporte teórico baseado em vários autores, especialmente Castells (1999), Bauman (2000) e Certeau (1999), entre outros. Para construir o plano de fundo, utilizamos a visão de Bauman sobre a mudança de paradigma de uma modernidade sólida e pesada da industrialização, para uma pós-modernidade leve e líquida da era da informação, onde as transformações espaço-temporais fluidificaram todas as atividades humanas, produzindo uma vida líquida.

Adotamos a visão de Castells (1999) sobre a formação dos espaços de fluxos gerados pelas ações sociais nas redes comunicacionais, que se tornaram um fenômeno absoluto nessa era, gerando uma nova organização urbana que se apresenta como um processo, mais do que como uma forma.

Pontuamos a transição da vida cotidiana dos espaços locais para uma vida globalizada nos espaços virtuais, e dessa, para uma vida compartilhada entre espaços imateriais e materiais, ou seja, em espaços híbridos, criados pelas tecnologias móveis de comunicação como: telefones celulares, *laptops*, *palmtops* e *PDAs*, redes *wireless (Wi-Fi)* e seus *hotspots*, objetos que se comunicam por *bluetooth*, localizadores *GPS*, produzindo uma vida urbana nômade, em que se alteram profundamente as formas de vida e de convívio social.

Ressaltamos, que, enquanto a vida no ciberespaço retirou a ênfase no corpo, na territorialidade e no convívio local face a face, as tecnologias da mobilidade resgataram a importância do corpo, do território, da vida e práticas cotidianas, porém, sob uma nova forma, essa conectada às redes comunicacionais, remodelando assim os espaços, as cidades, as atividades humanas, a vida de uma maneira geral e o próprio corpo. Criam-se assim novas formas de lugar como o celular, que gera *um lugar móvel* – o contato perpétuo

entre o indivíduo e suas redes, transformando esse indivíduo em um nó nas redes, um nó que se desloca gerando linhas e trajetórias, fazendo a intermediação entre o lugar e o mundo, uma vez que, na visão de Santos (2002) sobre a *glocalidade*, cada lugar é agora também o mundo.

Enfatizamos a vida em movimento por múltiplas camadas espaciais com o corpo e a cidade conectadas, em que resgatamos as relações do corpo com o território, porém, de uma forma ciborgue – corpo e cidade ciborgues.

Apoiamos-nos em Certeau (1999), teórico do cotidiano, que enfatiza a cultura do dia-a-dia e as práticas do cotidiano como táticas espacializantes construídas pelos indivíduos em seus movimentos e atividades diárias, gerando espaços diferentes dos planejados racionalmente. Com a introdução das tecnologias móveis, formam-se, com as práticas cotidianas, espaços sociais conectados móveis. Dessa forma, desmoronam as previsões sobre a obsolescência do corpo e da cidade, que se revitalizam e se remodelam através da experiência espacial vivida pelos indivíduos que cartografam suas práticas como táticas desviantes, criando uma tecitura complexa de fluxos materiais e imateriais sobre as camadas de espaços, caracterizando a vida cotidiana em fluxo.

Dentro das inúmeras áreas de produção nessa vertente da arte na interseção com a tecnologia, delimitamos o nosso campo de pesquisa na área das telecomunicações, especialmente das comunicações sem fio, e, mais especificamente, nos trabalhos que abordam o espaço eletromagnético como matéria, e as derivas e cartografias das mídias locativas, que tratamos respectivamente como formas de sublime tecnológico e cartografias dos fluxos.

No primeiro caso, fizemos uma leitura dos trabalhos que desvelam o espaço hertziano sob a ótica do sublime.

Chamamos a atenção para as especificidades do campo da estética das comunicações: a telepresença, a interatividade, o apagamento da obra única que se transforma em processo coordenado por um ou mais artistas que trabalham de forma colaborativa com grandes equipes e grupos de participantes.¹

1 Não nos detivemos muito sobre esse assunto, já bastante estudado por tantos autores, inclusive por nós na dissertação de mestrado. Não chegamos a abordar a participação

Utilizamos a noção de sublime tecnológico teorizado por Mario Costa (1995 e 2003). Buscamos as origens do sublime e desenvolvemos uma argumentação para *ler* os trabalhos pesquisados como forma de sublime tecnológico.

Nessa direção, apresentamos quatro trabalhos: *Sky Ear*, *Amodal Suspension*, *Dialtones: A Telesymphony* e *Electrical Walks*, mostrando-os como um sublime criado pelos espaços de fluxos, espaços da ordem do *absolutamente grande*, informes e invisíveis, que se desvelam pelos dispositivos tecnológicos em ações provocadas pelos artistas em processos colaborativos, que se colocam a si próprios e a seus interatores em experiências, gerando situações de estranhamento como forma de estimular a percepção do fenômeno eletromagnético.

Nos discursos desses artistas é recorrente a referência à invisibilidade do espaço hertziano – um espaço ubíquo, de grandeza incomparável, produzido por todos os aparatos eletroeletrônicos que nos cercam – e a necessidade de fazer perceber e refletir sobre eles, ao mesmo tempo em que exploram as potencialidades de comunicação e de conexão dos dispositivos, articulando diálogos com o outro através da tecnologia.

Em comum, eles proporcionam o desvelamento do espaço hertziano e a conectividade que gera um corpo social; em suas especificidades, abordam outras questões. Nessa direção, destacamos o evento *Amodal Suspension*, de Lozano-Hemmer, que lida de forma magnífica com a questão do diálogo, com trocas textuais de mensagens, grande parte delas declarações de afetividade que, a nosso ver, lembram as mensagens que antigamente eram trocadas em feiras e festas populares que desencadeavam contatos face a face, e que agora, através da tecnologia, ficam suspensas no ar do Japão até que seu destinatário seja encontrado, gerando um contato à distância, ou se perdem quando são interceptadas por outros, ou ainda quando o destinatário não é encontrado, o que enfatiza o fenômeno da presença à distância, permitida pelo grande poder de conexão das redes (agora móveis), que geram a espiritualidade vista por Costa como um coletivo que se forma com espíritos na presença desencarnada à distância.

importante de empresas que viabilizam a produção desses trabalhos com patrocínios e apoios financeiros.

O projeto futuro de Kubisch de fazer um grande mapa dos sons eletromagnéticos de cidades e continentes, mostrando a globalização desses sons, é, para nós, um projeto de cartografia verdadeiramente da ordem do sublime, que nos remeteu ao grande mapa mundi de Frei Mauro, por nós citado. Trata-se da vastidão de um mundo invisível que se torna visível por uma narrativa pessoal e também coletiva, uma vez que é alimentada por colaboradores (viajantes – nesse caso participantes), cujas experiências são transformadas em dados mapeáveis, e onde o resultado é uma representação (nesse caso, sonora) de um mundo velado, desbravado e tornado audível.

No segundo caso, das derivas e percursos monitorados por GPS das mídias locativas, fizemos uma leitura com uma abordagem que relaciona arte e vida cotidiana, através da vivência e das práticas do dia-a-dia transformados em eventos colaborativos, subjetivos e emocionais, onde os participantes saem pelo espaço urbano, anotam e mapeiam seus percursos, suas impressões, seus diálogos, e, ao mesmo tempo, se mapeiam, se colocam no mapa e no mundo – no novo mundo, com o auxílio dos novos recursos cartográficos disponíveis. Assim, mapeiam seus fluxos.

Para fazer tal leitura, buscamos um histórico da cartografia e os novos recursos disponíveis que estão revolucionando as formas de ver, fazer e distribuir dados e ferramentas de mapeamento.

Pontuamos nossa visão de mapa como uma narrativa, muito mais do que uma mera representação. Em seguida, nos debruçamos sobre a questão do mapeamento dos fluxos, de como mapear o fluido. Seguindo essa proposição, buscamos em geógrafos e cartógrafos – Santos, Wilford, Cosgrove, Dodge e Kitchin – dados e argumentos que nos permitissem ter uma visão do campo. Dessa incursão pelo universo dos mapeamentos podemos pontuar que a cartografia baseada na geometria euclidiana ficou obsoleta, e que hoje é possível mapear-se tudo, pois a capacidade de formular e construir mapas é ilimitada, e que a geografia das redes, descontínua, não-linear, ilimitada e mutável, exige novas formas, metáforas e técnicas de mapeamento. Como consequência, criou-se um campo de visualização das arquiteturas (estrutura material) e dos fluxos de informação e interação sociais (imateriais) das redes. Áreas da visualização científica do design produzem essas novas formas de mapeamento.

Chamamos a atenção para a contribuição do design que, hoje, se apresenta mais como produtor de processos imateriais, fazendo surgir novas áreas como a visualização de dados, design de interação, de informação, de interface, de experiência. Buscamos suporte em Thackara (2006), que enfoca a atuação do design contemporâneo baseado na teoria da complexidade, mostrando essa atividade de forma mais fluida pelas exigências de adaptabilidade ao contexto. Explicitamos que, em nossa ótica, um design dos fluxos se modela com a mesma abordagem dos artistas, ou seja, a partir da ação, da experiência vivida, da adaptação pelo aprendizado com as coisas, os ambientes e as pessoas, em um processo contínuo de conexão e colaboração.

Distinguimos os fluxos imateriais das redes dos fluxos do cotidiano, explicitando as diferenças no mapeamento de ambos. Visando um aporte teórico para fazer a leitura dos trabalhos pesquisados como forma de relação entre arte e vida, retornamos a Certeau e suas teorias do cotidiano, buscamos experiências artísticas e críticas anteriores nessa linha onde poderíamos citar a *flânerie*, o dadaísmo, mas especialmente nos concentramos nas derivas urbanas situacionistas.

Apresentamos dois trabalhos de um mesmo autor, Carlo Ratti e um grupo de pesquisadores do MIT – *Mobile Landscape: Graz in Real Time* e *Real Time Rome*, que de uma forma muito reveladora mostram a *cidade em tempo real*. São mapas maravilhosos das cidades de Graz e Roma vistas a partir das atividades dos celulares de um grupo de usuários que permitiram o rastreamento de seus aparelhos. Os mapas são atualizáveis em tempo real, mostrando sobre a base geográfica as camadas de fluxos das interações de que falávamos anteriormente. Segundo o discurso do autor – um planejador urbano, (que também mapeia a atividade de conexões *wireless* nas cidades) – seus objetivos visam uma reorganização das cidades nessa era de conectividade. Mas, apesar do discurso de seus autores em prol de um futuro planejamento urbano, esses mapas desvelam os espaços de fluxos de uma forma magnífica e consideramo-los também poéticos e subjetivos

Retomamos a questão da mobilidade gerada pelos dispositivos comunicacionais móveis, a questão do cotidiano visto por Certeau, buscamos antecedentes dos percursos e caminhadas como forma de arte como a *walking art* e a *land art*; buscamos também um aporte teórico em Deleuze e Guattari

para pontuar o crescente nomadismo urbano da mobilidade sem fio, pesquisamos sobre as mídias locativas em textos recentes na Internet, para finalmente argumentar que um certo grupo de trabalhos pesquisados caracterizam uma nova estética que denominamos cartografias dos fluxos.

As cartografias dos fluxos – *GPS Drawings*, *Amsterdam Real Time: Diary in Traces*, *Choreography of Everyday Movement*, *The Walking Project*, *Urban Tapestries* e *Bio Mapping* – são bem diferentes, mas apresentam muito em comum.

Elas revelam as camadas de fluxos imateriais que se formam sobre a base material geográfica em formas poéticas e subjetivas, resgatam a atitude desviante das táticas, de que nos fala Certeau, das práticas cotidianas, resgatam as derivas e caminhadas pelo espaço, como forma de estimular a percepção e apreensão das novas formas de vida. Caminham, traçam percursos, anotam, registram, mapeiam esse amálgama de fluxos e território ao qual já nos referimos. Experimentam os espaços na forma de co-presença, presença simultânea em dois lugares em tempo real, utilizam os localizadores GPS para se localizar e se inserir nos mapas, articulam coletivos de pessoas que dialogam e trocam experiências, resgatam a importância do corpo e do território, antes desvalorizados pelas conexões em redes de forma fixa.

Em comum, essas cartografias, que, a nosso ver, aproximam a arte da vida cotidiana, são formas sociais móveis de arte que funcionam, não apenas como maneiras de desvelar a tecnologia e os espaços de fluxos, mas também como forma de percepção e aprendizado dessa nova vida conectada e móvel, gerando novas formas de lugar, de convívio, novas subjetividades, remodelando o corpo e a cidade, mapeando a vida cotidiana em fluxo.

Nossa tese é de que certos artistas da vertente tecnológica, que hoje produzem uma arte com caráter social, uma arte que conecta pessoas, atuam como agentes modeladores desses processos que reconfiguram os espaços, o corpo e a cidade ciborgues, quando criam e produzem ações coletivas, que provocam formas de percepção e desvelamento da invisibilidade da tecnologia e seus impactos sobre a sociedade, através de experiências vividas pelos indivíduos em práticas colaborativas e cotidianas.

A nosso ver, as palavras-chave para uma leitura desse campo da arte são: colaboração ou sociabilidade, experiência ou vivência cotidiana, percepção e desvelamento da invisibilidade das tecnologias de conectividade e mobilidade e seus impactos. A combinação desses processos na arte gera uma nova estética – a *estética dos fluxos*, que em nosso trabalho apresentamos sob duas formas de visão: a do desvelamento da grandiosidade da tecnologia e seus processos, gerando uma emoção da ordem do *sublime tecnológico*, e a do desvelamento da vida cotidiana tecnologizada, que resgata a emoção de relacionar *arte e vida cotidiana*.

As duas formas foram separadas metodologicamente, pois, a princípio, estariam resgatando tendências artísticas bem distintas: a do *sublime*, que nos leva para o plano da transcendência e da espiritualidade, e a que relaciona *arte e vida*, que nos remete ao plano do cotidiano e da crítica.

De certa forma, porém, elas se entrelaçam, a nosso ver, pela principal característica dessa arte, que é a conectividade colaborativa que produz processos sociais que movimentam redes de pessoas *linçadas* pelas ações, em que se tornam co-autoras, e sem as quais esses trabalhos não existiriam. O desvelamento, a visualização, as cartografias geradas são parte do processo de apreensão e aprendizado do *viver o cotidiano* sob a incomensurabilidade da tecnologia, sendo esse aprendizado o movimento mais importante.

Eles se entrelaçam, para nós, porque ao desvelar a incomensurabilidade da tecnologia, os artistas também lançam mão dos processos sociais colaborativos, cotidianos e cartográficos, e, ao vivenciar o cotidiano ciborgue, os artistas também desvelam a incomensurabilidade da tecnologia.

Combinar essas duas tendências artísticas pode parecer uma tentativa de conciliar o inconciliável. Cartografar o fluxo pode parecer também uma proposição inconciliável, se olharmos pelo ponto de vista da cartografia tradicional, assim como, estar no celular (um ponto no espaço) e também estar no mundo podia, até há pouco tempo, parecer movimentos inconciliáveis.

Na verdade, ao considerarmos a própria tecnologia como um sublime do tipo matemático, que gera espaços imateriais, de grandezas incomparáveis, invisíveis e informes, e estando nós vivendo o cotidiano, imersos nesses

espaços onde, agora, “cada lugar é também o mundo”,² estamos de fato vivendo um cotidiano que nos remete à ordem do sublime. Ao utilizar os espaços de fluxos como matéria para seus trabalhos, os artistas estão, conseqüentemente, criando experiências também da ordem do sublime.

As duas formas, produzidas não apenas pelos artistas, mas por equipes compostas por designers, cientistas e participantes, criam assim uma *estética dos fluxos*, onde se combinam experiências e conexões tão inusitadas quanto nossa própria vida atual. Poderíamos chamar a combinação desses processos artísticos por uma visão unificada, de *cartografias líquidas do sublime*.

Os artistas da atualidade e seus colaboradores flanam pela cidade como o “pintor da vida moderna”, “um homem do mundo” (Baudelaire, 1997), um homem que se perdia na multidão para compreender o mundo novo que se formava, para se maravilhar com o excesso do sublime moderno.

Os novos nômades vagam pela cidade com olhar desbravador, para se maravilhar com outro novo mundo, com outro tipo de excesso, o do sublime contemporâneo. O que observam essas pessoas em suas errâncias plugadas pela cidade, se já possuem o mundo na palma da mão? Nossos novos errantes capturam o invisível com seus dispositivos sem fio. O olhar do nosso *flâneur* é ciborgue, e ele captura o novo excesso – os fluxos – através da máquina que transforma o invisível em visível, dá forma ao informe e apresenta o incomensurável em dimensões controladas – esse é o sublime tecnológico.

Os quadros dos pintores da vida contemporânea são capturados pelas máquinas digitais e celulares, PDAs e GPSs na palma da mão e transferidos para o *Google Earth* ou outros sistemas de mapeamento via satélites. Como no *Urban Tapestries* e no *Bio Mapping*, está lá registrado o dia-a-dia das pessoas, suas viagens, seus diários de bordo, as emoções transitórias, as revelações, formando um novo tipo de excesso: de fluxos, de espaços, de imagens, de informações, de trocas, de sons, de movimentos, tudo reconfigurável. As cartografias dos fluxos são cartografias do excesso, constituem para nós um novo sublime.

A vida cotidiana invade os mapas, que, agora mais parecem organismos vivos que pulsam e se reorganizam também como organismos. Restabelecem a

2 Santos (1999), expressão já citada.

relação entre a arte e a vida através da máquina, como organismos mistos que somos, máquinas orgânicas e digitais – ciborgues. A arte se reaproxima da vida através das práticas do cotidiano que se transforma, acontecendo em múltiplos espaços, no aqui-e-lá-agora, um cotidiano líquido que se reinventa constantemente com os fluxos, tais como as cidades imaginadas por Calvino. (1997)

Para nós, as novas geografias pessoais e coletivas que os artistas e colaboradores constroem em mapas personalizados ou no *Google Earth*, revelam os excessos da nossa vida cotidiana atual. É interessante observar nesse processo a dialética que se cria entre o pessoal e localizado, e o excessivo e fluido. De um lado trazemos o mundo para a palma da mão com o celular, o PDA o GPS, e o mundo se concentra em um ponto, e, de outro, quando nos mapeamos e nos colocamos na imensidão do mapa, nos tornamos lá também um ponto. Essa é a dialética da vida contemporânea, estar entre o ponto e a incomensurabilidade do novo mundo, entre o lugar do celular e os espaços de fluxos.

É assim que vemos que o sublime tecnológico e as cartografias dos fluxos se entrelaçam, formando as *cartografias líquidas do sublime*.